

## **CARTOGRAFIAS DO OLHAR: METÁFORAS IDENTITÁRIA NA LITERATURA AFRO**

**Gean Paulo Gonçalves SANTANA**  
**Universidade do Estado da Bahia- UNEB**  
**Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul- PUCRS**  
**E-mail:fratergean@yahoo.com.br**

**Resumo:** Este texto intenciona evocar na cartografia textual da poética afro, interativa e interrogativa, marcas identitárias silenciadas, a partir da notabilizada parceria dos estudos literários com os culturais e, assim, discutir a ação pluridimensional na composição da poética afro: reflexiva, crítica e autocrítica. Para tanto, serão utilizados suportes epistemológicos de campos diversos, a exemplo, a teoria literária e estética do século XX, concebida aqui, também entre outros, por Inocência Mata (2010), que reserva grandes reflexões, no âmbito dos estudos culturais pós-coloniais, Francisco Soares (2006), bem como as perspectivas de Homi K. Bhabha (1998) em seu discurso sobre o local da cultura: teoria crítica, e as de Walter Benjamin (2011).

**Palavras Chave:** poética afro, memória, identidade.

Pedaços de festas, de danças, de contos  
 nocturnos e de um-não-acabar de cerimónias ...  
 constituíam as peças de esconderijos que a recordação,  
 cuidadosamente, arrumava.  
 (Barbeitos, 1985, apud Macedo, 2006, p.189.)

Olhar, ver, reparar! Quando possível, uma itinerância da microscopia humana.

Versar sobre o fazer-viver experiência poética a partir de um olhar “próximo - distante” que, no imergir sócio-histórico-religioso, privilegiou recortes e que, pelo próprio limite estabelecido na ausência de fronteiras, faz-se amplamente complexo, é ponto de “uni-versos” que corroboram ou não olhares e conceitos previamente estabelecidos e/ou constituídos na inter-relação e que, por isso mesmo, ampliam e aprofundam concepções de homem, de sociedade e de mundo que, na contemporaneidade, encontram-se em silêncio e enclaustrado. Assim, esse reverberar das cartografias do olhar, em torno das marcas identitárias presentes nas composições literárias afro se faz necessário, visto que, segundo Boff (2008, p.21), “tudo o que existe

coexiste. Tudo o que coexiste preexiste. E tudo o que coexiste e preexiste subsiste por meio de uma teia infinita de relações”.

A poética afro em suas múltiplas tessituras faz emergir marcas identitárias outrora silenciadas. O tema da identidade ou da construção identitária tem mobilizado um número significativo de pesquisadores em diversos campos disciplinares. O avanço quantitativo e qualitativo dessa produção levou os pesquisadores e interessados no tema a um consenso: identidades são construídas. As pesquisas que se interessam pelo tema necessitam ainda partir da compreensão de que identidade é, ao mesmo tempo, uma categoria operativa através da qual se pode explicar/interpretar comportamentos e atitudes individuais e coletivas frente à cultura ou sociedade; e também de que identidade é um elemento constitutivo de vivência dos sujeitos sociais. Partindo dessas assertivas, é pretensão desse texto evocar as coordenadas geográficas, aqui compreendidas como marcas identitárias\_ metáforas na composição literária da poética afro, a partir da notabilizada parceria dos estudos literários com os culturais, evidenciando marcas da modernidade.

Descerrar sobre tal parceria, como bem pontuou Inocência Mata (2006, p.296), é (re)velar o alívio da tensão entre arte literária e lógica teórica nos sistemas literários africanos, ao legitimar essa tensão entre textualidade cultural e a discursividade estética que a literatura comporta.

Em torno do diálogo Literatura e identidade, diz Manuel Rui,

Escrever então é viver; escrever assim é lutar. Literatura e identidade. Princípio e fim. Transformador. Dinâmico. Nunca estático para que além da defesa de mim me reconheça sempre que sou eu a partir de nós também para a desalienação do outro até que um dia virá e “os portos do mundo sejam portos de todo o mundo” (2009, p.7).

Por esse prisma, nota-se uma ação pluridimensional na composição da poética afro: reflexiva, crítica e autocrítica. Parodiando Teixeira Coelho (2005), uma ação capaz de prestar conta da multiplicidade de aspectos da vida contemporânea, que é pluri e não unidimensional. Tal concepção remete a ideia-ideal de mobilidade, (des)continuidade, autonomia por serem conjugados homo sapiens, faber e ludens, metalinguagem, liberdade de criação e cosmopolitismo, marcas da modernidade, construto de uma cidadania universal. Um movimento que rompe estigmas onde tudo está em movimento: tempo, lugar e ação. E, assim, (de)compõe sem alienar-se, visto que a singularidade da ação de unir versos inspira e aspira a universalidade, traço evidente do modernismo.

De acordo com Francisco Soares (2006, p.286), “os modernismos operaram, no sistema literário, respondendo às necessidades de relacionar o original com várias culturas diferentes”. Segundo o autor, “a mensagem do escritor, que é sempre ambivalente, ainda quando ele pensa que seja unívoca, vai espalhar-se não por um *continuum* semiótico, e sim por várias semiosferas” (idem, p.286). Esse continuum, a que se deu, por analogia, o nome de semiosfera, “é a relação viva que faz a tradição” (idem, p.285). Tal concepção, germinal do/no modernismo, sempre fora matriz e motriz, terreno fértil da experiência afro, visto que ao longo do tempo, sem as demarcações geopolíticas do ocidente, viveram, de forma geral, em sociedades, tribos e cidades onde foram coetâneas diversas tradições artísticas, religiosas e culturais (SOARES, 2006).

Assim, evocar as reminiscência construídas, (des)construídas, (re)construídas nas composições literárias afro é enveredar pela linhagem \_ tramas do tempo que não intenciona questionar o testemunho dos acontecimento do passado pela transmissão oral marca de um povo. Mesmo porque, segundo Amadou HampatéBâ (apud MACEDO, 2009, p.5), “o testemunho escrito ou oral, é sempre um testemunho humano”, daí, o escrito não ser mais valoroso que o oral. De acordo com o autor é justamente nas sociedades orais que a função da memória é mais desenvolvida, de modo a tornar mais forte o elo entre o homem e a palavra. Nesse sentido, Francisco Soares (2006), ao descrever sobre a teoria literária africana, tendo como perspectiva os escritores lusófonos, diz que “a sua língua literária, os recursos, regras, efeitos que conhecem, não são propriamente os mesmo de outras paragens onde se fala o Português”. Para o autor “há uma ruptura: a de uma memória, uma infância ou uma intimidade ágrafas e que se estruturam sem coincidir com os modelos literários em voga” (Idem, 2006, p.286).

### **1. Tramas do tempo: poética da ancestralidade tecendo memória**

A literatura em suas coordenadas cartográficas é um intrigante jogo de ideias e ideais. Entre múltiplos “becos”, ruas, avenidas e ruelas do/no pensamento, narra o desvelamento esfíngico do ser humano. Ao trabalhar com temas saturados é inventiva na saturação. Entrega-se à ação simultânea de pulverizar-se, refazendo-se e perfazendo-se, ininterruptamente, em sua dinâmica criadora (MENEZES, 2001). E na dita modernidade um olhar, ver e reparar a que se pode chamar escada do pensamento e/ou a “dama do xadrez” \_um ir e vir (des)contínuo em que os contrastes bipolares

desaparecem, rompe fronteiras, desfaz limites niveladores. Uma circularidade coesa onde “tudo que é sólido desmancha no ar”, de modo a não existir postos e oposto e, sim, postos-opostos-postos; um construir-desconstruir-construir rizomático e, que por isso, refletindo-a na poética da diáspora, urge pensá-la “interativa e interrogativa” (BHABHA, 1998).

Diante desses dois aspectos na literatura afro, a que, também, se pode denominar sintomáticos\_ sistemáticos e, cõnsciodas nuances do imperialismo ocidental, há de se atentar que a descolonização do saber e do poder pode ser compreendida como um processo de inclusão e legitimação de outras práticas e conhecimentos que, durante longo período, ficaram obscurecidas, seja pela própria história ‘colonial’ dos grupos, seja pelo ‘embaçamento’ da memória de uma população produzido por instituições que colaboram para o estabelecimento de um conjunto de *enunciados* (SANTANA, 2009).

Assim, o poeta afro, na modernidade, em sua sistemática cognitiva, reverbera em palavra poética, “sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial” (BAKHTIN, 2012, p.99), a subjetividade e, cõnscio de seu papel como criador, não teme em dialogar aspectos da tradição com a contemporaneidade. É o ferreiro da palavra a forjar a reinvenção da palavra entre o dito e não dito. “O ferreiro tradicional é depositário do segredo das transmutações. É por excelência, o “Senhor do Fogo” (HAMPĀTÉ-BA, 1993, apud SECCO, 2005, p.107). Assim, na perspectiva de Teixeira Coelho (2005, p.40) “todos os elementos da criação serão buscados dentro dos recursos e das inclinações singulares do criador [...]”. Contudo, o singular não busca o individualismo, e sim, almeja revelar-se universal em sua metalinguagem, visto que “a função em jogo é a da mensagem que se debruça sobre outra mensagem (idem, p.44)”, tão bem explicitada nos versos do poema “KaringanauaKaringana” do poeta moçambicano José Craveirinha (apud MACEDO, 2006, p. 32).

Este jeito  
De contar as coisas  
à maneira simples das profecias  
\_ KaringanauaKaringana  
é o que faz a arte sentir  
opássaro da poesia.  
E nem  
de outra forma se inventa  
o que é dos poetas  
nem se transforma  
a visão do impossível  
em sonho do que pode ser.  
\_ Karingana!

Dialogando com Umberto Eco (1997) em um possível ato paródico, nota-se a importância de observar a dinâmica da teia dos significantes/significados presentes na arquitetura literária. Sobremaneira, dos povos repatriados da África ou oriundos destes com suas marcas, motrizes e matizes identitárias. Segundo o autor, em um universo dominado pela lógica da similaridade (e da simpatia cósmica), o intérprete tem o direito e o dever de suspeitar que aquilo que acreditava ser o significado de um signo seja de fato o signo de um outro.

Assim, recorrendo à definição de “moderno” por Teixeira Coelho (2005), é possível cingir a proposição de Eco (1997):

Moderno é termo dêitico, termo que designa alguma coisa mostrando-a sem conceituá-la; que aponta para ela, mas não a define; indica-a, sem simbolizá-la. “Moderno” é, assim, um índice, tipo de signo que veicula uma significação para alguém a partir de uma realidade concreta em situação e na dependência da experiência prévia que esse alguém possa ter tido em situações análogas. (COELHO, 2005, p.13-14).

Intercambiar as marcas da modernidade às marcas identitárias discursivas na literatura afro, o que se diz e o que se vê e, sobretudo, interpretar, provoca inquietações que crescem com as aspirações de tentar colocar-se no lugar do outro e de captar vivências e experiências particulares, contudo universais. Sobremaneira, quanto àquelas oriundas de espaços territorializados como periféricos, condicionados ao construto ideológico hegemônico do dito centro que, em sua ação-benefício, pulverizou verdades alternativas, corroborando a compreensão “majoritária” do real como um produto acabado, finito e unilateral (FOUCAULT, 2004), uma via de mão única.

Assim, (des)velar marcas identitárias na poética afro é partir da compreensão de que seus constituintes e a própria constituição, entre o dito e o não dito, revelam-se de subservientes a subversivos e, dessa cosmovisão libertária \_ coragem criativa, evidenciam vozes que foram silenciadas em muitos centros usuais de poder no ocidente ou em espaço em que o processo de “inculcação” ideológica imperou. Nesse contexto, o poeta afro assume seu papel transformador sendo, re-sendo ruminando e realimentando ideais germinais do “Iluminismo” e, que, por isso, sua arte “infecta a miséria com vida nova e sadia”. Nessa concepção de arte, “todo artista autêntico trabalha na criação da consciência da raça, mesmo quando não percebe” (MAY, 1982, p.20).

Diante dessa realidade criativa, é preciso romper o invólucro do significante da/na composição poética afro, pois de acordo do BOSI (2003, p.461), “as palavras mesmo não sendo diáfanas, ainda quando miméticas ou fortemente expressivas, são densas até o limite da opacidade”. Nesse campo significativo, Walter Benjamin (2011, p.223), em seu ensaio sobre o conceito de história questiona: “não existem, nas vozes que escutamos, ecos de vozes que emudeceram?” Diante desse questionamento, é possível pensar o espaço em que se tece a literatura afro como uma extensão social e histórica e, por conseguinte, um construto (re)velador identitário. Isso porque os espaços uma vez territorializados pela dinâmica de nomeação, identificação e autorreconhecimento atravessam os sujeitos. Segundo DaMatta (1997), o espaço se confunde com a própria ordem social de modo que, sem entender a sociedade com suas redes de relações sociais e valores, não se pode interpretar como o espaço é concebido. Adentrar os relampejos das imagens que do passado perpassam em sua circularidade veloz reconhecendo-as identitariamente é necessário para imprimir o passado no presente.

Assim, nesse itinerário temporal \_ atemporal, construto das tessituras literárias da poética afro, a tensão e a extensão na busca de um caminho em que se possa vislumbrar o que aparentemente é familiar é tão complexo como as conotações em torno do relampejar das reminiscências da tradição. Muitas lacunas se formam, outras tantas são preenchidas e, muitas, à revelia do tempo, poderão se perder nos escombros que encobrem os vestígios, até mesmo quando se trata de parentesco-proximidade. Contudo, diz Walter Benjamin,

Articular historicamente o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. [...] o perigo ameaça tanto a existência da tradição como os que a recebem. Para ambos, o perigo é o mesmo: entregar-se às classes dominantes, como seu instrumento. Em cada época, é preciso arrancar a tradição do conformismo, que quer apoderar-se dela (2011, p.224).

Nota-se que as imagens construídas pela arte literária são muito mais do que estão representadas em seus signos \_ são frutos da cultura de quem as observa em suas leituras \_ texto, contexto, pretextos e preconceitos. Mesmo que considerando a probabilidade do verossímil, há lutas inter-intra e exteriormente que não são apenas de classes; existem outros elementos que incluem e/ou excluem em vários campos de

tensões sintomáticos. Segundo Benjamin, “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie”. Para o autor, a “tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é na verdade a regra geral” (2011, p.225-226).

Ao habitar esse passado- presente há de se pensar se as imagens visadas no presente “relampejam” o passado presente em prol do reconhecimento identitário, ou, como pontua Benjamin (2011), são bens culturais, despojos que foram carregados nos cortejos triunfais dos dominadores e, que, na atualidade, continuam a “espezinhar os corpos dos que estão prostrados no chão”. Isso, porque, na contemporaneidade, as imagens criadas pelo e para o homem no cotidiano de sua existência levam a pensar no que elas produzem, instauram e encobrem em relação ao passado-presente da época em que se vive.

Lançar olhares que se cruzam e entrecruzam na literatura afroé propiciar um olhar sobre e sob o chão semântico em que se pisa. Periferia e centro são partes diferentes, por isso não circunscrevê-las em interpretações hegemônicas. Nessa perspectiva, “a leitura literária carece de contextualização histórica, sociocultural, psicológica e até antropológica para que a crítica de obras concretas não resulte em mais um produto tradicionalmente voltado para a consolidação da hegemonia canônica do ocidente” (MATA, 2006, p.298). Então, como compará-las utilizando apenas critérios que dizem respeito a um olhar vicioso, eurocêntrico? Drummond corrobora esse questionamento ao poetizar “Verdade”.

A porta da verdade estava aberta,  
mas só deixava passar  
meia pessoa de cada vez.

Assim não era possível atingir toda a verdade,  
porque a meia pessoa que entrava  
só trazia o perfil de meia verdade.  
E sua segunda metade  
voltava igualmente com meio perfil.  
E os meios perfis não coincidiam.

Nesse viés semântico, pleno de sentidos e sentenças, em que o cá e o lá são partes de um todo performático contextual, passado-presente se intercambiam no universo constelatório da linguagem literária. A distância faz com que se vejam menos os detalhes, contudo, faz com que se observem as relações (MORETTI, 2008). Assim, há

que se pensar, como inspira Manuel Rui, que “o mundo somos nós e os outros. E quando a minha literatura transborda a minha identidade é arma de luta e deve ser ação de interferir no mundo total para que se conquiste então o mundo universal” (2009, p.7). Nessa perspectiva, Rollo May (1982), citando Kierkegaard, diz que encontrar a realidade da experiência é sem dúvida a base de toda criatividade. O trabalho, diz o autor, consiste em moldar a forja da alma, tão árduo quanto ao do ferreiro que dobra o ferro para fabricar algo de grande valor para doar a humanidade. May (1982), considerando James Joyce como grande expoente dos tempos modernos, descreve uma cena do diário, no fim do Retrato do Artista quando jovem: “bem vinda sejas, ó vida. Vou, pela milésima vez, ao encontro da realidade da experiência, para moldar na forja da minha alma a consciência ainda não criada da minha raça” (idem, p.20).

Se é possível relacionar a semântica antropológica a do “ferreiro” literato, também seria possível parodiar Ruth Cardoso (1986) em sua “aventura do antropólogo” quando diz que observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação. E que, justamente, essa maneira de observar supõe um investimento do observador na análise de seu próprio modo de olhar. Diz a autora que nessa tessitura do olhar-contar “é preciso ancorar as relações pessoais em seus contextos e estudar as condições sociais de produção dos discursos” (CARDOSO, 1986, p.103).

Assim, na trama do tempo, na/dapoética afro, evocar o passado, em uma época em que muitos crescem numa espécie de presente contínuo sem qualquer relação orgânica com o passado, torna-se um elemento importante, mesmo porque as pessoas, independentes de origem e história, passam por experiências centrais que as identificam em espaços incluídos ou excluídos (HOBSBAWM, 2000).

Rememorar a história de um povo marcado por tantas desigualdades sociais e por uma tradição histórica de privilégios à elite detentora de capitais culturais e econômicos, que se beneficiou da exclusão dos grupos socialmente fragilizados, faz perceber que o processo civilizatório provocou e ainda provoca marginalização. Esse processo sócio-cultural-econômico a que são relegadas as minorias, especialmente as raciais, que há muito compartilham em sua trajetória a política do “silenciamento” colonial, sendo consideradas desprivilegiadas em suas composições estéticas – literárias, fazem emergir e imergir, na subversividade, “guerras” em torno da plástica e



das concepções de literatura. Nessa perspectiva dos limites e beligerâncias, Inocência Mata (2006), dialogando com Mouralis, reverbera:

Na verdade, se a concepção que a sociedade se faz da sua literatura é inseparável da função atribuída a esta, o discurso crítico sobre a literatura, apoiado em formulações teóricas diversas, será sempre uma tentativa de compreensão do lugar literário na construção da imagem da comunidade representada. (MATA, 2006, p.295).

O reverberar do silêncio e enclaustramento na literatura afro, suas reminiscências e experiências, interpelam em seu “silêncio mimético” o leitor a “reparar” a desconstrução, construção e reconstrução dos (des)caminhos realizados no tempo, que embora ficcional, “aponta enquanto portador de símbolos para um mundo histórico-social” (CHIAPPINI, 1997, p135). Um atravessar inter-intra e exteriormente conforme a poética de Mia Couto (apud MACEDO, 2006, p. 35)

Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu avô: a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos panos da outra margem.

Na literatura afro, mais que o exterior revelado em seus significantes, o interior explicitado em seus múltiplos significados soa como ecos ilustrativos de uma realidade verossímil numa ambiência cultural e em uma “semiosfera” onde todos se encontram. Nessa perspectiva, Francisco Soares (2006) diz que o diálogo com as tradições garante a prosseguimento de um projeto identitário, propondo e não entepondo ao que estava antes na matriz originária.

Pela crise de identidade ou de legitimidade, a literatura estaria chamada a se fazer a se ler não já pela clareza das opções por um partido, movimento, ideologia, nem por uma escola poética, mas por uma reivindicação identitária colocada na sua base. A luta pela expressão seria a de um substrato legítimo espiando os seus adstratos e superstratos. (idem, p.282)

Assim, re-memorar um passado tão presente é mote que se repete nas narrativas da poética afro. Suas memórias “remendam” sua relação com sua terra, sua gente e com sua história ancestral. Pensar a “terra” sentindo-a em suas mãos. Um sentimento local que dialoga com o universal da humanidade.

Através das múltiplas “vertentes e feições” presentes na poética afro, a mobilidade com sua velocidade acarreta fluidez, sem, contudo, reduzir os conteúdos dos objetos, tornando-os apenas panoramas; dribla com suas reminiscências o aspecto “fantasmagórico (GIDDENS, 1991) em virtude dos espaços terem sido completamente moldados em termos de influências sociais bem distintas deles. Um lembrar que cinge o todo em movimento e em contínua mutação, operacionado pela tecnologia – tecnologizada, que suprime o tempo e volatiliza o espaço (GIDDENS, 1991).

A memória, como propriedade de conservar certas informações, segundo Jacques Le Goff (2003), remete em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas. Para o autor, a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cujo buscar é sempre uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia. Citando Leroi-Gourhan, Le Goff (2003) pontua que a tradição é biologicamente tão indispensável à espécie humana como o condicionamento genético o é às sociedades de inseto: a sobrevivência étnica funda-se na rotina, o diálogo que se estabelece suscita o equilíbrio entre rotina e progresso, simbolizando a rotina o capital necessário à sobrevivência do grupo, o progresso a intervenção das inovações individuais para uma sobrevivência melhorada.

Com a imagem do caleidoscópio, compreende-se que a ideia de experienciar as dimensões de uma sociedade, e/ou conhecer certas áreas que a ela se referem no espaço literário, requer um período de tempo razoavelmente longo, visto que “as palavras não são diáfanas e o processo que gesta a escrita percorre campos de força colidentes (BOSI, 2003, p.461), e que se interpenetram. Também, porque “existem aspectos de uma cultura e de uma sociedade que não são explicitados, que não aparecem à superfície e que exigem um esforço maior, mais detalhado e aprofundado de observação e empatia” (VELHO, 1981, p.124) \_ um entrar no domínio do esquecimento, tema chave da leitura benjaminiana (BENJAMIN, 1994). Quiçá “um outro tempo, um outro espaço[...] um espaço de ser que se forja a partir da experiência interruptora, interrogativa e trágica da negrura, da discriminação, do desespero” (BHABHA, 1998, p.328). Pensar na configuração de novas possibilidades textuais no campo da literatura, sem contudo causar a “erosão” do literário, tornando a obra apenas como documento sócio-histórico-cultural.

A (res)significação identitária na poética afro não se configura apenas em torno das classificações, e sim na forma de (re) definição da alteridade, cuja força não está apenas na capacidade de representar e simbolizar, mas de transformá-la, justamente, pelo poder societário de reconhecimento, “re-sendo, mudando, re-mudando, sentindo e re-sentindo”, sem contudo, apresentar-se como bairristas. Para além dos territórios da literalidade, nas tramas do tempo urge pensar o desfazimento dos limítrofes que condicionam os estudos literários. Ao aplicar o conceito de alteridade, nota-se que o espaço da literalidade, no tempo, ultrapassa as tramas intrínsecas do texto, há um lugar da enunciação, contexto de recepção, lugar da comunidade receptora e interpretativa, sinalizadores de uma prática social (MATA, 2006).

A ultrapassagem dos territórios fixos e sagrados da literalidade possibilitará a descoberta de especificidades na construção de “universais” estéticos, por meio da relação tensa entre o global e o local. No entanto, essa postura epistemológica não intenta refutar esses universais humanos [mas apenas] chamar a atenção para o facto de que todas essas características se constroem de modo diferente por culturas diferentes. (MATA, 2006, p.296).

Segundo Arruti (2006, p.26), “não se trata mais, portanto, de partir das alteridades dadas, e sim de investigar como a alteridade torna-se um dado, como ela é feita um fato, como ela é discursiva e praticamente construída por meio de linhas, cortes, nervuras, dobras, diferenças e identidades”. Assim, a mobilidade, a descontinuidade, a autonomia criativa, explicitam traços da modernidade e marcas identitárias na poética afro. Como as reminiscências, esses elementos constituem um sistema no qual as partes estão interligadas entre si (ORTIZ, 1991). Incidem várias texturas (re)veladoras de múltiplos espaços narrativos, cuja pedra de toque, a substância alquímica de transformação, é a liberdade “democratizando a palavra poética”.

Essa trama literária em um “desenrolar contínuo e múltiplo que lhe evita a univocidade” (SOARES, 2006,p.285) torna-se um espaço inter-étnico destinado a fazer ponte com a realidade, sem perder de vista tradição e inovação, de modo que a estética intercambia à complexidade histórica, cultural e política e à análise da mesma, a partir das marcas do modernismo no presente, manterá sinais de ação-reflexão-ação, em prol da manutenção das tradições. Busca nas reminiscências o fato de que as pessoas são úteis à história, mas que a história também pode ser útil às pessoas ao desvelar em prosa e em verso suas narrativas e a de outros sob múltiplos olhares. E, assim, esse fiar-

desfiar, fincar-fecundar pés, nessas imagens de construtores esquecidos, quer em sua pré-tensão, ser-mentes férteis nas tramas do tempo. Mia Couto (apud MACEDO 2009,p.35), como suas Estórias abensonhadasre-memora, para possíveis reencontro de outros contextos (in)cantos.

Meus olhos se neblinaram até que se poentaram as visões .  
Enquanto remava um demorado regresso, me vinham à lembrança as velhas palavras de meu avo: a água e o tempo são irmãos gêmeos, nascidos do mesmo ventre. E eu acabava de descobrir em mim um rio que não haveria nunca de morrer. A esse rio volto agora a conduzir meu filho, lhe ensinando a vislumbrar os brancos pans da outra margem.

Em sentir o “poentar as visões”, (des)enraizam os pés de um espaço fronteiriço e, ao costurar o tempo em narrativa,re-memora e (re)voltam ao universalismo, construto do “ferreiro” da palavra \_ com infinito poder da transmissão oral, próprio do “eu vi, ouvi e, por isso dou fé, oráculo vivo; lembranças ancestrais, ato vivo na/da tradição africana, tão presente nos povos repatriados e em tantos outros contextos, em que o espetáculo da vida via a tessitura de um saber que, na contemporaneidade, é mote de contramão: “o homem é sua palavra e sua palavra dá testemunho do que ele é”.

Assim, o ascultar-escutar-transmitir torna-se um receptáculo de forças geradoras que tecem as centelhas dos elementos indissociáveis da tradição oral. É elo que une o homem à Palavra dita e se faz bem-dita, matriz geradora de caminhos e caminhadas.

Um poentar e aurorear de uma visão cosmogônica de homem, sociedade e de mundo. Isso porque, o narrar em prosa\_verso não é um conto do “era uma vez”. É energia tecelã que fia de forma operante a tessitura da vida. Não fragmenta. Encarna em todo ser. Daí, ser a palavra dita, elemento sacro. Um ser de palavra é guardião de si, de toda linhagem que em torno de si se fez novelo.

### **Tecendo conclusões:um procriar de ecos identitários em movimento.**

Nota-se que as cartografias do olhar: metáforas identitárias na literatura afro se estende como uma colcha de retalhos e/ou como vertentes das caravanas Subsaarianas e do Atlântico. “Tecendo a manhã”, em um amanhã presente; por isso mesmo, inacabada pelo devir infinito é tecida em “linguagem imaginária e linguagem do imaginário, aquela que ninguém fala, murmúrio do incessante e interminável a que é preciso impor silêncio, se se quiser, enfim, que se faça ouvir” (BLANCHOT, 2011.p 43) e, assim,

diluir a lixiviação da PA-LAVRA escrita com sua ação usurpadora das coisas e dos seres.

Em tecer as vozes das margens, a poética afro em suas tramas do tempo, “assim como as flores dirigem sua corola para o sol, o passado, graças a um misterioso heliotropismo, tenta dirigir-se para o sol que se levanta no céu da história” (BENJAMIN, 2011, p.224). Tece em sua arquitetura literária cenários de desconstrução, que se faz perceber, simultaneamente, em ininterruptos processos de reconstrução \_um resgate das reminiscências ancestrais. Um “re-mendar” infinito de matrizes, matizes ao sussurro, marcas da modernidade, descerrando em verso e prosa que “o agora da cognoscibilidade é o momento do despertar” (BEJAMIN apud SELIGMANN-SILVA, 2009, p.67)

A desconstrução-reconstrução-construção, a circularidade, a metalinguagem e a autonomia marcas identitárias presentes na poética afro é pulsar coronário na solidão histórica, pois como bem disse Drummond: “o pandeiro bate é dentro do meu peito, mas ninguém percebe”.

Diante desse tear, os versos que ecoam do sussurro reminiscente da história desejamdeslizar o silêncio nas tessituras poéticas para fazer escutar a surdez ocidentalizada. Predica em prosa e em verso narrativas que abrem as portas dos esconderijos da memória, um “abre-te sésamo”, e o tesouro da liberdade seja descoberto na profundidade do limiar da (in)consciência daqueles que em torno de si assentam para escutá-la, ascutando-se como parte de um todo coletivo \_ rizomático.

Assim, esse tear, gênese de um procriar de ecos libertários como marcas identitárias na poética afro (re)vele afirmações existenciais de um passado tão presente, que se fazem silêncio. E, ao romper o tempo, as couraças dos batuques devolvam simbolicamente em suas narrativas escritas o evidenciar dos movimentos e da concepção semiosférica, coletivo de vozes e histórias, que atravessam em verso e prosa o passado-presente, em que o silêncio na memória das vozes se fez fecundidade identitária nas tramas cartográficas do tempo.

### **Referências**

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. São Paulo: Edusc, 2006.

- BAKHTIN, Mikhail.VOLOCHÍNOV, V.N. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na Ciência da Linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 13 ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura história da cultura**; trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 2011.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**; trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro:Rocco, 2011.
- BOFF, Leonardo.**Ecologia, mundialização, espiritualidade**. Rio de Janeiro, 2008.
- BOSI, Alfredo. **Céu e Inferno: ensaios de crítica literária e ideológica**. 2ed.São Paulo: Duas Cidades, Ed. 34, 2003.
- CARDOSO, R. “Aventuras de Antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método”.In: **A aventura antropológica**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. pp.95-106.
- COELHO, Teixeira. **Moderno pós-moderno**. 5 ed. São Paulo: Iluminuras, 2005.
- CHIAPPINI, Ligia. Do beco ao belo: dez teses sobre o regionalismo. In: CRISTOVÃO, Fernando, FERRAZ, Maria de Lourdes; CARVALHO, Alberto. **Nacionalismo e regionalismo nas literaturas lusófonas**. Lisboa: Cosmo, 1997.
- DaMATTA, Roberto. **A Casa e a rua**. Rio de Janeiro: Rocco,1997
- ECO, Umberto. **Interpretação e superinterpretação**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DRUMMOND, Carlos. Verdades. In: [http://pensador.uol.com.br/textos \\_diversos\\_ carlos \\_drummond/](http://pensador.uol.com.br/textos_diversos_carlos_drummond/)
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France,pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio.Edições Loyola, São Paulo, 2004
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. Trad. Raul Fiker. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- HOBBSAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991**. Trad. Marcos Santarrira; revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Susana Ferreira Borges. 5 ed. Campinas, SP: Unicamp, 2003.
- MATA, Inocência. O crítico como escritor: limites e beligerâncias. In: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.
- MACEDO, Tânia Celestino de. Curso de Literaturas africanas de expressão portuguesa\_ In: **Programa de Formação Inicial nos Estudos Africanos: História, Antropologia e Literatura**. Mod. III- Literatura. CEPAlA/UNEB. Salvador, 2009.
- MACEDO, Tânia, CHAVES, Rita. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.
- MAY, Rollo. **A coragem de criar**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- MENEZES, Philadelpho. **A crise do passado: modernidade, vanguarda, metamodernidade**. 2 ed. São Paulo: Experimento, 2001.
- MORETTI, Franco. **A literatura vista de longe**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2008.
- ORTIZ, Renato. **Cultura e modernidade**. Brasiliense, 1991.
- RECH, Helena T. **As duas faces de uma única paixão: uma reflexão teológica sobre experiência cristã de Deus e suas conseqüências para a vida consagrada da América Latina e Caribe**. São Paulo: Paulinas, 1998.

ROSA, João Guimarães. **Tutaméia, Terceiras Estórias**. 8. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

\_\_\_\_\_. **Grande Sertão: veredas**. 19<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

RUI, Manuel. Eu e o outro \_ o invasor ou em poucas três linhas uma maneira de pensar o texto. In: MACEDO, Tânia. **Literatura Africana**. Salvador: UNEB/CEPAIA. 2009.

SANTANA, G.P. ; COSTA, L. A. Fialho . **Refondation territoriale: comment devenir Quilombo? Le cas d'Helvécia- Bahia**. In: XII Congresso da Association pour la Recherche Interculturelle - ARIC, 2009, Florianópolis. Diálogos Interculturais: descolonizar o saber e o poder. Anais do XII Congresso da ARIC. UFSC, 2009. v. 1. p. 1-16.

SOARES, Francisco. Teoria da literatura e literaturas africanas. In: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. **Marcas da diferença: as literaturas africanas de língua portuguesa**. São Paulo: Alameda, 2006.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó Ribeiro. In: CHAVES, Rita. MACEDO, Tânia. MATA, Inocência. **Boaventura Cardoso : a escrita em processo**. São Paulo: Alameda \_ União dos escritores angolanos, 2005.

SELIGMANN-SILVA, Marcio. **A atualidade de Walter Benjamin e Theodor W. Adorno**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

VELHO, Gilberto. "Observando o Familiar". In: **Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.